



Toda a gente deve visitar o

# Jardim Passos Manoel

PORTO

O mais aprazível estabelecimento de diversões de Portugal

Magnificas installações electricas

SALÃO DE CONCERTOS

SALÃO - THEATRO

LUXUOSO "HALL,"

*CHAUFFAGE A VAPOR, nos salões*

**BUFFETS**

Jogos e diversões varias no **Jardim**

Aluguer de fitas cinematographicas

VENDA DE APPARELHOS



O melhor  
animatographo  
de LISBOA

Sempre Novidades

# Salão Central

Sessões elegantes á terça-feira

Sessões da moda á quinta-feira

Aos domingos

Grandiosas  
Matinéés - Concerto

MAGNIFICOS CONCERTOS PELO SEXTETO DO SALÃO



# Cine-Revista

Quinzenario da Empresa Artistica Limitada

DIRECTOR

LOPES TEIXEIRA

PROPRIEDADE da

Empresa Artistica Limitada

EDITOR

A. DE MATOS

Comp. e impr.—Empresa Gráfica "A UNIVERSAL"—R. Duque de Loulé, 111—Porto

## Em marcha

O leitor da «Cine-Revista» poderá ver nas paginas do presente numero, entre assuntos sempre mais ou menos interessantes mas, para o caso que preside á factura d'estas desartificiosas linhas, de somenos valia, tres ou quatro novas sobre que temos a honra de chamar a sua lucida attenção.

Se por ventura o facto lhe não é ainda conhecido, o nosso presado leitor ficará sabendo, por exemplo, que Leão XIII, rompendo de vez com a intriga que contra a Cinematografia em toda a parte dardeja venenos, concedeu que nos templos catolicos se procedesse, quando os ecclesiasticos bem o entendessem, a projecções cinematograficas. Evidentemente, a deliberação do chefe supremo do catolicismo traz restricções justas e necessarias: os assuntos serão escrupulosamente seleccionados. Mas é isso precisamente o que estão fazendo todos os directores intelligentes dos bons cinemas: e decerto o esplendido successo de cinematografia nos meios mais educados e civilizados vem do abandono a

que sistematicamente são votados os maus films, e da preferencia dada ás pelliculas em que a Arte e a Natureza se exhibem em toda a puresa do seu esplendor.

Não é, pois, incompativel a Cinematografia com o Vaticano. Fica isso definitivamente assente. E que o não é tambem nas mais altas regiões da velha hierarquia dinastica e por equal nos gabinetes dos modernos conductores de homens o verá ainda o presado leitor nas paginas que seguem, quer pela visita que o rei da Inglaterra, com sua familia e côrte, fez a um cinema publico de Londres, quer pelas determinações do Ministro do Interior da Servia, que acaba de mandar adoptar o cinema, como meio instructivo e de distracção, nos liceus e escolas do seu paiz.

A Cinematografia segue a marcha triumphal. E, ao impulso adquirido, essa marcha, todavia tão metodica e segura, toma aspectos de vertigem para os que, de fóra, a acompanham com mediana attenção.

Melhoramentos, aperfeiçoamentos, invenções, succedem-se, como augmen-





ta o interesse, dia a dia: é um renovar constante, incessante, infatigável. E, fenómeno logico, esperado, se bem que credor de admiração, esta marcha assim progressiva e rapida nota-se, sente-se, parallella, simultanea, com ardor equal, no inventor, no industrial, no consumidor—na fabrica, no *écran*, no publico.

Assim, as grandes empresas do film, despresando os maus motivos, os assuntos dissolventes, os casos de escandalo — quanto podia interessar curiosidades morbidas mas que necessariamente desgostaria os espiritos cultos e delicados, os organismos sadios,—do passo que attingem a ultima expressão da verdade nos seus scenarios, de magnificencia e exactidão assombrosas, escolhem afabulações de rigorosa verdade humana, em que, todavia, a fantasia, o imprevisto, á luz do talento, fulgem verdadeiras obras primas.

Por seu lado, os proprietarios dos bons cinemas, os que se respeitam a si proprios e respeitam o seu publico, relegam definitivamente para o plano das coisas abandonadas e mortas as peliculas de certas empresas que, vencidas pela concorrência sempre crescente, pretendem suprir com a exploração de assuntos... agrestes a falta de talento creador e a insuficiencia de meios materiaes de realisação. Sem que nos acoimem de modestia—nós poderíamos exemplicar citando a frequencia sempre crescente, cada vez mais distinta, do nosso salão de Passos Manoel, em que Vitagraph e Gaumont—n'este momento batendo triunfalissimamente o *record* do film artistico—fixam a admiração e a simpatia de

todo um publico de cultura delicada e vasta.

E finalmente esse mesmo publico, o qual, aqui como em toda a parte, honra, distingue com a sua preferencia os inventores e exhibidores das verdadeiras e autenticas obras de arte.

Perdoe-se-nos a insistencia. Mas achamol-a necessaria. Cumpre repetir, ainda com risco de nos malsucarem de impertinentes. A nossa modesta revista veio no momento proprio.

Dir-nos-hão que trabalhamos tambem em proveito proprio. Sim. Mas isso não impede que, na medida das nossas humilimas posses, trabalhemos tambem para a difusão da Cinematografia. E não é isso coisa de somenos valor. Porque, embora pese a caturras e a prejudicados, a Cinematografia, juntando de modo até agora talvez não egualado, o util ao agradável, está destinada a uma alta, a uma sagrada, a uma nobilissima missão.

Ella será um seguro factor com que tenha de contar-se para o aperfeiçoamento da raça humana.

A REDACÇÃO.

---

■

---

## Os Films Gaumont

Uma maravilha da Cinematografia

**OURO QUE FASCINA E MATA**

**T**RAZENDO-NOS de assombro em assombro, a Casa Gaumont projectou a semana finda, no *écran* do

Jardim Passos Manoel, uma autentica maravilha da Cinematografia.

Falamos do film *Ouro que fascina e mata*, e bastará uma enunciação rapida da sua afabulação para dar a quem o não viu ideia clara da nova obra, formidavel de fantasia e encenação que a Casa Gaumont acaba de realizar.

Nunca, talvez, a sensação da vertigem foi tão nitidamente transmittida a espectadores da Cinematografia.

\*

N'um ermo das agrestes regiões do Alaska, dois peoneiros em busca de ouro topam, prostado e moribundo, um velho aventureiro que, ao morrer, lhes rabisca, sobre um papel, o ponto exacto de uma riquissima jazida aurifera.

Dispõe a lei americana que essas jazidas pertençam ao primeiro que as toque. E como os dois peoneiros, tornados rivaes irreconciliaveis, não chegam a accordo sobre o direito de posse ou partilha, cada um se propõe alcançar antes do outro o anciado tesouro.

A estupenda lucta que, então, atravez de admiraveis paisagens de uma região quasi virgem, entre os dois se trava! Ha um *corps-à-corps* terrivel sobre o tejadilho de uma carruagem em marcha; um dos aventureiros lança-se do alto de uma passagem de nivel sobre o comboio, a todo o andamento; uma maquina esbarra-se a meio da linha e despenha-se n'um talude; toda uma instalação de maquinismos, depositos, voa pelos ares, ao deflagrar do paiol de dinamite: e tudo com um rigor de verdade, com um poder de realisação verdadeiramente inegalaveis.

“

Quiz d'esta vez a Casa Gaumont *fazer americano*: e conseguiu-o. A sua nova pelicula podiam assignal-a, com

legitimo orgulho, as mais poderosas e mais famosas empresas yankees.

Que mais dizer do film a que ligeiramente acabamos de referir-nos? De assombro em assombro vamos. Até onde?

INFORMADOR.

---

■

---

## CINEMA

---

E' minha intenção e meu desejo expor algumas leves ideias sobre esta maravilhosa invenção que é a Cinematografia e sobre as suas applicções.

Ninguém poderá negar os rapidissimos progressos da Cinematografia e a ameaça, cada vez mais seria, que ella constitue contra a propria existencia do teatro. Quem o teria acreditado, pensado mesmo, á hora do seu appacimento? Devo reconhecer que os prestidigitadores estavam todos de accordo sobre o immenso futuro que se preparava; quanto aos directamente interessados, isto é: os directores dos teatros, gente aliaz intelligente, não tinham essa maneira de ver, porquanto o mór numero dos que viram a novidade, convidados a dizer de suas impressões, ingenuamente declararam tratar-se de um simples brinquedo de creanças, não podendo constituir espectaculo e nada resultando no ponto de vista teatral. Convenço-me de que terão mudado de opinião. E cumpre excepcionalisar alguns, poucos, que desde logo visionaram justo e se constituiram entusiasticos cinefilos.

Jardim Passos Manoel

Aprazível recinto de verão



O cinema está ainda longe de ter dado tudo quanto d'elle temos direito a esperar. Vivo entre gente dos music-halls e sempre que nos primeiros meses, e até nos primeiros annos, me diziam: — «O cinema?... Está gasto!...» respondia: — «Ainda não começou!». E ao cabo de mais de quinze annos creio ainda que — «vae começar».

As melhorias e aperfeiçoamentos surgem todos os dias, sempre multiplicando-se e a perfeição hade chegar. Quanto ás applicações, é só agora que começam a merecer as attensões dos competentes: citem-se, por exemplo, as operações do dr. Doyen.

Mas era minha intenção e desejo occupar-me apenas do cinema no ponto de vista de espectáculo.

Se poderamos ver reproduzir hoje no *écran* o fausto da côrte de Luiz XIV, duvidaria alguém de boa-fé que esse facto não eclipsasse qualquer descripção escripta, por mais bella que fosse?

Que interessante espectáculo para os nossos descendentes, esse da chegada dos soberanos a Paris, esse da apoteose de Kruger, esse da recepção dos marinheiros russos — e outros, e tantos dignos de registro historico!

Pensar-se-á n'isto um dia; e porque não desde já?

Haverá o receio das despesas, em tempos de tamanha economia?

Existe todavia um meio bem simples para isso se valorizar sem despesa alguma. Eis a minha ideia:

Estabelecer-se-ia uma especie de biblioteca da Cinematografia em qualquer local da cidade de Paris, sem gastos sequer de installação: — um simples aposento, uma mansarda, uma cave. Designar-se-ia para director da empresa um homem do officio — não faltariam. Esse homem receberia, a pretexto de ordenado, o titulo de cinematografista official e um bilhete de favor facilitando-lhe a circulação livre nos cortejos e garantindo-lhe a benevolencia das autoridades. Quando se desse

um facto interessante, ou quando a Cidade o desejasse, o operador tiraria uma vista de que depositaria dois exemplares na biblioteca em referencia. Todas as despesas, é claro, á custa do director. Muito bem, dir-se-á: mas o dinheiro? Ora, pois, autorisassem apenas o director a lançar no commercio outros exemplares dos films em questão, os quaes, confeccionados em melhores condições de meio, seriam necessariamente mais procurados pelos compradores. E poder-se-ia mesmo estabelecer que determinados films não iriam para o commercio e pertenceriam exclusivamente á biblioteca.

Temos, pois, a nossa collecção a organizar-se. Trata-se de utilisal-a. No 14 de Julho, ou em outras festas, reunem-se em salões varios os alumnos das escolas, ou vae-se aos seus collegios e offerece-se-lhes um espectáculo instructivo, sem despesas: um operador, um quadrado de panno branco, uma projecção electrica, bastam. Em pouco tempo teriamos espectaculos bellos e os nossos descendentes poderiam ver avocações maravilhosas. Conclusão: despesas quasi nulas, receitas garantidas pela venda dos films... Penso que não ha que hesitar.

Ha uns quinze annos, quando eu prestidigitava no teatro Robert-Houdin, submetti esta minha ideia áquelle que melhor poderia dar-lhe realisacção... isto é a M. Méliès, que n'esse momento estava na maior voga para o fabrico dos films e que, pela sua situação individual, podia interessar no projecto varias personalidades influentes. Infelizmente, M. Méliès andava completamente absorvido pela sua industria e não tinha tempo de pensar em outra coisa.

Outra ideia:

Porque não se substituirá, nas casas particulares opulentas, e mesmo nas remediadas, o antigo album de retratos familiaes por films tomados em dia de baptisado, casamento, anniversarios na-

ALFALATERIA "Portugal Brazil"  
de J. P. Villela, L.<sup>da</sup> ○  
Rua 31 de Janeiro, 189 a 193 — PORTO

talicios, etc., etc.? Como, nos dias de festa, seria deliciosa a passagem d'essas peluculas, que de recordações doces, que minutos de encanto novamente vividos anno a anno! Mercê dos progressos do Cinema, teremos aparelhos baratos e praticos; e enquanto os não houver, custa muito chamar um operador ao domicilio?

Em vez de continuar a repetir:— «Ainda não começou!», que prazer sentirei ao exclamar:— «Começa enfim!»

G. ARNAULD.

*Nota da Redacção*— O curioso artiguinho que o leitor viu acima traduzimol-o do «Illusioniste», de Paris.

Fala n'elle a alma entusiasta e crente de um sincero cinefilo. E porque, antes de nos lançarmos no nosso campo creador, muito teremos de ir forrêgear no dos nossos irmãos mais velhos, pedimos licença para perguntar se, com effeito, as duas ideias do famoso prestimano francez não terão tambem facil applicação entre nós.

Pensamos que têm.

---

## Echos de toda a parte

### COISAS INGLEZAS

Uma sumidade ecclesiastica ingleza disse ha pouco textualmente, no ultimo Sinodo da Igreja Presbiteriana da Inglaterra, que— *o desenvolvimento e o augmento dos cinemas, no Reino Unido, coincidem com uma notavel diminuição do alcoolismo, da bebedice nos meios populares do país.*

Tambem os relatorios da policia londrina indicam que— *o cinema contribue mais effizamente na repressão da embriaguez do que a acção a mais zelosa das sociedades de temperança.*

O rei da Inglaterra, acompanhado da rai-

nha, da imperatriz donataria Maria da Russia, da princeza Victoria, da princeza Henrique de Battenberg, do duque e da duqueza de Teck, sem contar os personagens obrigados do regio sequito, foi passar duas ou tres horas agradabilissimas, ha poucas semanas, no cinema do «Scala», de Londres, e prometteu lá voltar brevemente.

Fôra improvisada uma tribuna toda rescendente de frescas flores, para receber os reaes espectadores, e é inutil dizer o que foi a assistencia, no elegantissimo salão.

Decididamente os cinefobos estão destinados a morrer como os patos de Strasburgo— envenenados pela propria figadeira.

### OS MORTOS ESQUECEM DEPRESSA

Na Allemanha accentuam-se as... «destruições» cinematograficas... As gentes *bem-pensantes* de Berlim, que encontram seus portavozes em pleno parlamento, derramam ainda lagrimas amarissimas sobre a profanação infligida á Opera Real, em «Cine» transformada, e eis que lhes chega sucessivamente ao conhecimento a decadencia de outras scenas conhecidas, que a seu turno se transformam em vulgares cinemas.

Um teatro mundano de Bülow-Strasse, que tinha a especialidade das peças sensacionaes n'um acto e dos vaudevilles, cede o logar ao *écran*. Será d'oravante um dos cinemas mais elegantes da capital, com 400 logares.

Na Kommandanteustrasse, outro teatro supprime a ribalta e o panno de bocca e offerecerá a 1000 espectadores os gosos cinematograficos.

Vamos lá que, se os mortos esquecem depressa, a verdade está sendo que alguns resuscitam animados de notabilissima vitalidade.

### PRONTO!

Eis ahi o Cinema definitivamente installado n'um comboio norte-americano. Agora, que está dado o primeiro passo, todas as outras companhias vão seguir o exemplo e não tardará muito que se veja circular em todas as linhas da Livre America o *car* cinematografico com os mesmos foros do vagon-restaurante.

Foi o Pitthury, Harmony, Butler and New Castle Railway Company que deu o exemplo installando o *écran*.

Para esta primeira experiencia serviu um vagon avariado n'um recente desastre e que carecia de reparos completos. Aproveitou-se o ensejo e transformaram-o em cinema-ambulante.

Parece que o comboio que arrasta o *Cine-Car* anda sempre cheio.

Infelizmente, se são muitos os concorrentes, limitado é o numero dos eleitos.



### UM HERODES SUL-AFRICANO

Os meios cinematográficos viviam felizes na Africa do Sul. Era paradisiaco em demasia!...

Ha rabugentos em toda a parte. Um d'esses, o senhor Schreiner, membro do Parlamento sul-africano, acaba de propor ao ministro do Interior respectivo que institua a Censura cinematografica, *no interesse, dizia, da saude publica, da salvaguarda e da moralidade da população.*

O ministro do Interior em referencia deve ser um homem de espirito: elle respondeu que estava por demais sobrecarregado com o estudo de assuntos *serios* para poder occupar-se de similhante bagatella.

Se nos permittem o emprego de uma linguagem trivial, e sem offensa do respeito que nos merecem os leitores, diremos que o parlamentar sul-africano cinefobo ficou— «com o nariz como uma pistola».

### UM BOM TRUC

A gente de Zurich é finoria de nascença, mas a finura da gente de Zurich esbarronda-se em face do engenho de um proprietario de cinema que noite a noite lhe proporciona todas as alegrias do *écran*.

O dito proprietario—ouvide todos, oh, mannos do cinema!—havendo reconhecido que ás sextas-feiras o apuro decrescia com regularidade desesperante abaixo do nivel tolerado, matutou judiciosamente e descobriu um meio de remediar o mal.

O remedio consistiu n'um *Aviso ao respeitavel publico*, impresso bem vizivelmente, e informando os espectadores de que:—«Todas as pessoas que na sexta-feira viessem ao meu Cinema, podiam ter a certeza de que se veriam a si mesmas no *écran*, na sexta-feira seguinte...»

Esse apello á humana vaidade produziu o mais fulminante dos efeitos. A concorrência affluu, premia-se ás portas do salão. E, uma vez o salão a trasbordar, foi a assistencia informada de que, á saída, seriam todos cinematografados, o que teve o condão de pôr todo o mundo no mais alacre bom-humor.

Em boa verdade, á saída houve seus empurrões, murmurios, trilhadelas—se todos queriam exhibir-se no primeiro plano!... Mas, em summa, a operação effectuou-se sem grandes transtornos, e o truc deu o mais completo e excellentes dos resultados, pois que o salão se enche todas as sextas-feiras. E' que os amigos dos amigos, bem como os amigos dos amigos d'esses amigos, todos têm grande empenho de ver, com os seus olhos, a figura que sobre o *écran* fazem... os outros.

Apenas um ponto de interrogação se formula, em negro: quando toda a população de Zurich tiver desfilado no quadro branco, desejará ella repetir... a dose?...

*That is the question!* como diria o lendario principe dinamarquez.

### NO EGIPTO

Na terra dos Faraós, o Cinema ganha terreno altivamente, e está annunciada para breve a abertura de varios salões de cinematografia.

E' sobretudo em Alexandria que o Cinema está em voga. Existem ali maior numero de estabelecimentos do genero que no Cairo, e a sua frequencia é enorme, tanto de europeus como de indigenas.

### CAHIDAS NO PROPRIO LAÇO

O director de um Cinema—seguramente psicologo emerito—havendo recebido inumeras queixas de clientes masculinos, que não podiam seguir as scenas sobre o *écran* mercê das exageradas dimensões dos chapéus femininos, teve uma ideia genial.

Fez como na igreja e afixou um regulamento em virtude do qual todas as pessoas do bello sexo deviam tomar assento nos logares da direita, ficando os logares da esquerda exclusivamente destinados ao elemento masculino.

Para logo se produziu o esperado effeito. As madamas, porque umas ás outras se incommodavam, viram-se na necessidade de apcar as suas monumentaes chapelangas e de as deixar no *vestiaire*.

E desde então, n'esse cinema, cada qual gosa á vontade o seu dinheirinho!...

### A SERVIA NA VANGUARDA

Acaba de ser installado, no liceu de Belgrado, um cinematografo que se destina á educação e paralellamente á distracção da juventude servia.

Foi o ministro dos cultos que custeou a installação e que teve ainda a ideia excellente de ordenar que, no mais breve praso possível, todas as escolas publicas do paiz sejam igualmente dotadas de postos de projecção.

E ali está um pequenino paiz, dos que as grandes nações consideram ainda um pouco... selvagens, a dar-lhes exemplos de progresso mnito para ponderar...

O INFORMADOR.

**Jardim Passos Manoel**

**O mais luxuoso centro  
de diversões**



## O Cine no Templo

Do «Ciné-Journal»:

O Vaticano, por um acto tornado publico, acaba de autorisar e regulamentar definitivamente o uso do cinematografo nos templos, submittido á fiscalisação diocesana. O mesmo é dizer que a velha Roma se modernisa e já não oppõe um tradicionalismo irreductivel ás preferções de um clero novo, cujo supremo desejo é viver de harmonia com o seculo para o bem superior das coisas catholicas. Mas não está nisso a questão que nos interessa. Trata-se, antes de tudo, de saber se o ingresso regular, officialmente reconhecido pelo papa, do cinematografo nos templos até agora destinados ao culto, constitue um novo perigo professional e ameaça os interesses justos dos industriaes da especie.

Affigura-se-me poder dizer desde já que este accesso de modernismo não põe em perigo a industria cinematografica franceza, mas que outro tanto não succederá na Italia, na Espanha, em alguns paizes da America do Sul sobre os quaes a mão clerical conserva ainda indiscutivel presa.

Os padres francezes que o bispo autorisa a ter exhibições cinematograficas na igreja têm o sufficiente respeito pelos *logares sagrados* para apresentarem outros films que não apenas os essencialmente religiosos ou quando menos de character confessional. Com effeito, não se trata, para elles, de illustrar a lição catolica, de addir ao valor do sermão o admiravel prestigio da imagem viva que materialisa e magnifica ante olhares crentes, as concepções necessariamente abstractas do dogma? O dever do projeccionista catolico não está apenas em evangelisar, e seria decente introduzir no templo obras profanas que levariam ao risco de transformar-se o azilo dos que querem orar n'uma especie de teatro occasional? Ha n'isto razões de especial dignidade a que não faltará o clero francez.

Se por acaso surgissem honestos abades que cedessem ao prazer de ser agradaveis ás suas ovelhas dando-lhes a comedia, bem certo seria: a experiencia não se prolongava e remataria em prejuizo de quem a tentara.

Mas os industriaes francezes que são, antes de tudo, negociantes de espectaculos, não encontrarão jamais no padre projeccionista um concorrente serio. O apostolo servirá os destinos de Igreja mediante o cinematografo e o director do cinema-teatro não verá diminuir as suas receitas nos salões onde exercer a sua arte profana. Direi mais. O *écran* da igreja precisará a differença

que separa os generos e eu conheço bom numero de fieis que, depois de haverem passado alguns bons quartos de hora no cinema do rev. prior, serão excellentes e assíduos clientes dos bons salões seculares. Porque é indispensavel, n'esta vida que não está exclusivamente destinada á oração e á fé, reservar a parte do divertimento humano—o baile, o jogo, o spectaculo. A cada um o seu papel e a sua missão: por mim não supporto os films religiosos.

Quem sabe até se a igreja não nos prepara uma nova clientella? O cinematografo possui em si-mesmo uma attracção maravilhosa. Quem o viu a primeira vez, gostou e voltou a ver. Mil espectadores das scenas religiosas exibidas nos templos sentir-se-ão felizes em experimentar alegrias novas em frente do *écran* profano e tornar-se-ão conscientes cinefilos. A força das coisas regula precisamente este destino e basta-me a prova da historia mesma do teatro em França, que, nascido na igreja e medrado á sombra do campanario, é hoje um prazer laico, docemente proscripto pelos rigores atrazados da velha clerisia.

Recolhamos esta verdade que consiste em que o progresso das sciencias reduz aquelles mesmos que o receiam e não temamos do novo alargamento do campo cinematografico. Façamos films bons e bellos: a representação artistica da vida attrairá sempre a multidão humana que gostade ver-se e de sentir-se, mesmo nas suas dores.

G. DURBAU.

O artigo que acabamos de transcrever, firmado por um dos mais autorisados jornalistas da especialidade, mostra como lá fóra — e no caso sujeito em França — se encaram a sério todos os assuntos respeitantes á Cinematografia.

D'elle resalta, por egual, a lição pratica de que esta industria, ainda tão dura e deslealissimamente combatida — *et pour cause* — dia a dia se dilata, amplifica, engrandece, levando a toda a banda os seus irresistiveis dotes de attracção e triunfo, em toda a banda batendo e derrotando, pela demonstração pratica, pela prova material, os seus inimigos e detractores.

Os quaes estão todos, não haja sombra de duvida, onde quer que existam interesses feridos e prejudicados —

INVICTA FILM



REGISTADA  
PORTO-PORTUGAL

Endereço telegraphico

NUMATTOS — PORTO

NUNES de MATTOS & C.<sup>A</sup>

Rua de Santo Ildefonso, 165

≡ PORTO — (PORTUGAL) ≡

Fabricação de pelliculas,  
e todos os trabalhos  
concernentes á arte cine-  
matographica . . . . .

ATELIER expressamente montado  
com os mais modernos aperfei-  
çoamentos introduzidos n'esta  
industria . . . . .

Encarregam-se da tiragem  
de fitas em qualquer ponto  
do paiz, para o que dispõem  
de PESSOAL HABILITADO.



prejudicados e feridos em concorrência leal, clara, legitima.

Acha a «Cine-Revista» que, para o nosso país em que a Cinematografia triunfa também da mais evidente maneira, mas onde tantissimo se desconhece a sua litteratura e o seu jornalismo, — acha diziamos, que a noticia da medida adoptada por S.S. Leão XIII não deixaria de constituir nova de alto interesse.

Com effeito, a grande maioria do povo portuguez, longe de ser fanatico, é, ainda assim, catolico. E a deliberação do chefe supremo em materia do espirital não poderá deixar de influir em espiritos sinceros que a intriga cinefoba possa trazer desnorteados.

A Cinematografia, a boa e honesta, não offende os preceitos catolicos: não collide de forma alguma com quaesquer principios religiosos.

Nós não sabemos se o clero portuguez pensa desde já em utilizar o *écran* para a maior divulgação, pela imagem viva, da sua fé e dos seus misterios. Não sabemos, bem que o tenhamos por certo, se um dia o utilizará.

A verdade é que o papa a isso o autorisou. E não deixará essa autorisação de tranquilisar muitas consciencias timoratas.

DR. R.

---

## Escrinio de poetas e prosadores

---

### A Partilha

CANTAVA; e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face macilenta. Soffria; mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança.

O mais velho, tres anos, olhava-a e, de quando em quando, cantarolava: «Estou com fome, mamãe... Estou com fome». E o pequenito, insomne, olhava-a, muito esperto, a boquinha collada ao peito. «Estou com fome, mamãe...» cantarolava o outro.

la alta a manhan; mas se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa!

Viuva, tísica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida de mais para pedir esmolas, que havia de fazer a desgraçada? «Estou com fome, mamãe...» cantarolava o mais velho.

—Espera, filho; espera.

Como o pequenito adormecesse, a mãe, pé ante pé, deitou-o sobre uma caminha de pannos, a um canto da casa. E o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: «Estou com fome, mamãe...»

—Não faças bulha: espera. E, acenando-lhe, passou á cozinha. Mas que havia de fazer?

Ardia no fogão a derradeira acha e a mãe, os olhos rasos d'agua, poz-se a soprar a lenha para ateiar o lume, emquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias, cantarolava: «Minha mãesinha...» contente com ver a chaleirinha ao fogo. A' mesa, porem, quando a

**Jardim Passos Manoel**

Magníficos concertos

mãe lhe apresentou a tigela e o pedacinho de pão da vespera, fitou-a amuado:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho...

Levando a colher á bocca elle foi repelindo a tigela, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores. Olha que vais acordar o maninho. Espera.

E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, apoiado, espremeu-o trincando os labios descorados, por onde as lagrimas escorriam; e, entregando a tigellinha ao filho:

— Toma e não faças bulha. E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito:

— Agora sim... Agora sim... poz-se a cantarolar.

Baixinho, então, recommendou:— E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi pé ante pé, expiar o filho que dormia.

(Dos *Romanceiros*.)

Coelho Netto.

---



---

## Elogia

### O ABÊTO

Habituei-me a viver nos pincares nevados  
Onde não brota a urze e o musgo não cresceu,  
Longe da flôr, longe do mar, longe dos prados,  
Mas em compensação pertíssimo do ceu.

Não me afaga a ternura argentea dos ribeiros,  
Das rolas nunca escuto o pallido cantar;  
Em meus braços d'abêto, esguios e altaneiros,  
Sómente as aguias reaes ás vezes vêm poisar.

### A LARANJEIRA

Eu então nasci no meio  
Do encanto verde do valle,  
Tão repassado, tão cheio  
De tanto e tanto gorgoio,  
Que não ha nada que o eguale.

Amo os ruidos do trabalho  
Que ao sol fecundo nos cria,  
É o aroma todo que eu espalho  
Vem-me das gottas d'orvalho,  
Pão nosso de cada dia.

### O ABÊTO

Leve manto de prata, o manto da neblina  
Como protege o olhar contra os raios da luz!  
E a neve, onde se mira a estrella matutina,  
Que frescura infinita a neve não produz!

### A LARANJEIRA

A neve! quando eu floreceo,  
Branqueja no meu toucado;  
E olha-me os fructos: pareço  
Cobrir-me de um manto espesso,  
Toda de um manto doirado!

### O ABÊTO

A liberdade, o orgulho, o sangue ethereo e fluido,  
Que circula nos ceus, do zenith ao nadir,  
As grandes sensasões da Immensidade, cuido  
Que as altitudes só no-las fazem sentir.

### A LARANJEIRA

Cheiro a sol, sabor a rosa,  
Como sabe e cheira bem!  
Tudo se ama e beija e gosa,  
Ai, ternura voluptuosa  
Que apenas o valle tem!

A repreza falla, falla,  
Oigo-a até o sol se pôr.  
Linda a madresilva em gala;  
O insecto, só por beija-la,  
Como elle vibra d'amor!

### O ABÊTO

Que encanto! Vejo sempre espaço e gelo eterno:  
O immensamente branco e o immensamente azul;  
Frio e luz; o Universo é um luminoso inverno,  
Desde a estrella polar ao cruzeiro do sul.

### A LARANJEIRA

Sensual, enrosca-se a hera  
Aos troncos, aqui e ali;  
Da vida a vida se gera:  
Nunca morre a primavera  
Desde que um dia nasci.

Minha flôr, como a cicuta,  
Enlanguesce devagar,  
Sempre candida e impoluta,  
Quanto beijos ella escuta!  
Quantas noivas vê córar!

### O ABÊTO

A avalanche que rola, o vento que sibila,  
Não arrancam minha alma á terra a que está preza;  
É assim minha alma em flôr de vegetal, tranquilla,  
Domina eternamente a eterna natureza.



## VISITEM O Jardim Passos Manoel

### A LARANJEIRA

Passo os meus dias absorta  
A ouvir chilrear os pardaes;  
Quentinha a um canto da horta,  
Só vejo o que ella comporta,  
Não quero vêr nada mais.

Se levasses, como eu levo,  
Vida de flores, levavas  
A vida no doce enlero  
De estar calçado de trevo,  
Vestido de rosas bravas.

### O ABÊTO

Brilha o raio, os trovões ribombam pelo monte,  
E eu, impavido heroe, no entanto sobresaio,  
Na escarpa nua, erguida altivamente a fronte,  
Maldizendo os trovões e desafiando o raio!

Nada me aterra, nada; a tempera que tenho  
E' uma tempera d'aço, eu nem vergo sequér.  
Com o frio se tornou tão rigido o meu lenho,  
Que os machados assim mal lhe podem morder.

### A LARANJEIRA

Dos labios fuge-me o riso  
Se o vento uira na floresta,  
E toda me atemorizo  
Com receio do granizo,  
Que me fustiga e me cresta.

Amo o bom tempo, o sol claro,  
Que nuvem alguma véle;  
E sinto bem, quando o encaro,  
Que elle é o meu unico amparo,  
Que a minha vida vem d'elle.

### O ABÊTO

Aquillo que eu mais quero, e é tudo a quanto aspiro,  
E' que, se viér acaso a ter filhos, então,  
Nasçam mais alto, mais, n'um gélido retiro,  
Onde o brenha nunca chegue e as aguias nunca vão.

### A LARANJEIRA

E eu, alma cheia d' affecto,  
Quero os meus filhos aqui,  
No valle sombrio e quieto,  
Vegetando onde eu vegeto,  
Dando flôr onde eu flori.

### A VOZ DE PAN

Bemdito seja eu que vos criei, immerso  
No sonho luminoso e verde do Universo.  
No sonho da manhã;  
Seja sempre bemdito o deus da Natureza,  
A quem a terra incensa, a quem o oceano reza,  
Bemdito seja Pan!

Tudo provém de mim; sou o universo inteiro,  
O som, a luz, a côr, o paladar e o cheiro,  
Que germinan pelo ar;  
Desde a voz do trovão á voz da toutinegra,  
O clamor que apavora e o murmurio que alegra,  
Sou eu que os fiz vibrar.

O meu rosto é vermelho e branco e azul e verde,  
Da côr do mar, do ceu que aos olhos se nos perde,  
Da côr de tudo, enfim;  
Os clarões da alvorada, as brazas do sol pôsto,  
Cantam na minha pelle, afloram no meu rosto,  
Fermentam dentro em mim.

Vós, arvores, sentis os mesmos sentimentos,  
Que em vossos corações viçosos e opulentos  
Palpita sempre o meu;  
Muito abaixo do oceano ou muito mais acima,  
Fui eu quem vos gerou, sou em quem vos anima  
E anima a terra e o ceu.

Gerei-vos a sonhar numa alegria extranha,  
A uma na planície, á outra na montanha,  
E agora, que prazer!  
Admira-vos ao sol minha alma enternecida,  
Felizes na existencia, acarinhando a vida,  
Gostando de viver.

Minha alma em vos criar toda a sua alma pôz...  
Bemdito seja eu! Bemditas sejaes vós!

(Do Sol Creator)

Alberto Monsaraz.

---

## Garimpeiros

O forasteiro que no ultimo quartel do seculo XVIII demandasse os povoados de Minas Geraes, erectos da noite para o dia na extensa zona do districto Diamantino, sentia a breve trecho o mais completo contraste entre a apparencia singella d'aquelles modestos villarejos e as gentes que nelles assistiam.

Entrava pelas ruas tortuosas e es-

treitas, ora marginando as leziras dos corregos em torcicollos, ora envesgando, clivosas, pelo vizez dos pendores, ladeadas de casas deprimidas de beirais desgraciosos e saídos; percorria-as calcando um aspero calçamento de pedras malgradadas; desembocava num largo irregular onde avultava a picota octogonal do pellourinho, ameaçadora e solitaria; deparava mais longe duas ou tres pezadas egrejas de taipa; e certo sentiria crescer a desoladora saudade do torrão nativo se naquelle curto trajecto não se lhe antolhassem singularissimos quadros.

Surprehendiam-no, empolgantes, o excesso de vida daquelles recantos sertanejos e o espectaculo original da Fortuna domiciliada em pardieiros.

E se conseguisse abarcar de um lance a multidão doudejante e inquieta que atestava as viellas e torvelinhava nas praças, teria a imagem extranha de uma sociedade artificial, feita de elementos dispareos transplantados de outros climas e mal unidos sobre a base instavel dia a dia destruida, ruindo solapada pela vertigem mineradora — da propria terra em que pisavam.

Acampado nos cerros o povo errante levava para aquelles rincões — escalas transitorias occupadas á ventura — todos os habitos avoengos que não affeiçãoavam ao novo meio. E estadeava todos os seus elementos incompativeis fortuitamente reunidos, mas repellindo-se pelo contraste das posições e das raças: — dos congos tatuados que moiravam nas lavras, com a rija envergadura mal velada pelas tangas estreitas ou rebrilhando, escura, entre os rasgos das roupas de algodão; aos contractadores avidos e opulentos passando por alli como se andassem nas cidades do reino, entrajando as casacas de velludo, de portinholas e canhões dobrados, abertas para que se visse o collete bordado de lantejoulas, descidas sobre os calções de seda de Macau atacados com fivellas de ouro.

A grenha inextricavel do africano chuero contrastava com a cabelleira de rabiço, empoada e envolta de um cadarço de gorgurão rematando numa laçada, do peralvilho rico; a alpercata de couro crú estalava rudemente junto do sapato fino, ponteagudo, cravejado de perolas, do reinol casquilho, graciosamente bamboleante com o andar que ensinavam os «mestres de civilidade»; o cacête do guarda-costas vibrava proximo do bastão de biqueira de ouro, finalmente encastado; e o facão de cabo de chifre, do mateiro, fazia que resaltessem, mais artisticos, os brincos de ourivesaria dos floretes de guarnições luxuosas dos fidalgos recémvindos.

la-se de um salto de uma camada social a outra.

Parecia não haver intermedios áquella symbiose da Escravidão com o Ouro, porque não havia encontral-os mesmo no agrupamento incaracteristico, e mais reparador que unificador dos solertes capitães-do-matto, dos meirinhos odientos, dos bravateadores officiaes de dragões, dos guarda-móres, dos escrivães, dos pedestres e dos exactores, açulados pelas ruas, farejando as estradas e as picadas, perquirindo os corregos e os desmontes, em busca do escravo; filando-se ás pernas ageis dos contrabandistas, collados no rastro dos contraventores, e espavorindo os faiscadores pobres, e inquirendo, indagando, prendendo, intimando e, quasi sempre, matando...

Sobre tudo isto dois tremendos fiscaes que a Côrte longicua despachára apercebidos de faculdades descrecionarias; o Ouvidor da comarca e o Intendimento dos diamantes.

Tinham a tarefa facil de uma justiça que por seu turno se exercitava entre extremos, monstruosa e simples, mal variando nos «termos de prisão, habito e tonsura»; oscillando em mesmices torturantes, da devassa ao pellourinho, do confisco á morte, dos



## HOTEL SUL-AMERICANO

(O MAIS MODERNO)

125-Praca da Batalha-134—PORTO

Alvaro d'Azevedo

PROPRIETARIO

troncos das cadêas aos dez annos de degredo em Angola.

É que a terra farta, desentranhando-se nos minerios anhelados, não era um lar, senão um campo de exploração predestinado a proximo abandono quando as grupiaras ricas se transmundassem nas restingas safaras, e fôsssem avultando, maiores, mais solennes e impressionadoras, sobre a pequenez dos povoados decaídos, as *Catas* silenciosas e grandes — montões de argilla revolvidos e tumultuando nos ermos á maneira de ruinas baby-lonicas...

\*  
\* \*

Mas fóra da mineração legal adscrita na impertinencia barbara dos alvarás e cartas regias; trabalhada de fintas, alternativamente aggravada pelo quinto e pela capitação exaurida a principio pelos contractadores e depois pela extracção real, estendera-se intangivel, e livre, e criminosa, irradiante pelos mil tentaculos dos ribeirões e dos rios, desdobrando-se pelos taboleiros ou remontando ás serras, a faina revolucionaria e atrevida dos *garimpos*.

Despejados dos arraies; esquivos pelas matas que varavam premunidos de cautelas porque não raro no glauco daspaizagens coruscavam, de golpe, os talins dourados e os terçados dos dragões girando em sobrerondas celeres; caçados como feras—os garimpeiros, incorrigiveis devassadores das demarcações interdictas, davam o unico traço varonil que ennobrece aquella quadra.

Vinham de um tirocinio bruto de perigos e trabalhos, nas velhas minerações; e, unicos elementos fixos numa sociedade movel, de emmigrantes, iam

capitalisando as energias despendidas naquelles assaltos ferocissimos contra a Terra.

Desde as primitivas buscas pelos leitos dos corregos, dos caldeirões e das itaipavas, com o almocrafe curvo ou a bateia africana, na actividade errante das faisqueiras; aos trabalhos nos taboleiros, arcando sob os carumbés refertos, ou vibrando as cavadeiras chatas até aos lastros asperos dos nodulos de hematite das tapanhuacangas; ás catas mais sérias, ás explorações intensas das *grupiaras* pelos recostos dos morros que broqueados de cavas circulares e sarjados pelas linhas rectilineas e parallelas das levadas, demantellados e desnudos, tornavam maiores as tristezas do ermo; e, por fim, á abertura das primeiras galerias acompanhando os veios quartzosos, mas sem os resguardos actuais, tendo sobre as cabeças o peso ameaçador de toda a massa das montanhas—elles percorreram todas as escalas da escola formidavel da força e da coragem.

Vibraram contra a natureza recursos estupendos.

Abriam canaes de leguas ajuxtados ás linhas das cumiadas altas; e adunando a centenas de metros de altura, em vastos reservatorios, as aguas captadas, rompiam-nos. Ouviam-se os sons das trompas e buzinas prevenindo os eitos de escravos derramados nas encostas, para se desviarem; e logo após uma vibração de terremoto, um como desabamento da montanha, a avalanche artificial desencadeada pelos pendores, tempesteando e rolando, —troncos e galhadas, fragedos e graieiros, confundidos, embaralhados, remoendo-se, triturando-se, descendo vertiginosamente e batendo em baixo

dentro dos amplos *mundéos* onde aca-choava o fervor da vasa avermelhada lampejante das palhetas appetecidas...

Desviavam os rios; invertiam-lhes as nascentes; ou torciam-nos, cercand-os; e por vezes alevantavam-n'os, inteiros, sobre os mesmos leitos. Todo o Jequitinhonha, adrede contido e alterado por uma barragem, derivou certa vez por um bicamente colossal, de grossas pranchas presas de gachalhos, deixando em secco, poucos metros abaixo, o cascalho sobre que fluia ha millenios... E alli embaixo, centenas de titans tranquillos, compassando as módinhas dolentes com o soar dos almocafres e alavancas, labutavam, cantando descuidados, tendo por cima o dilluvio canalizado...

Assim foram crescendo.

De sorte que quando a metropole, exaggerando a antiga avidez ante a fama dos novos «descobertos», se demasiou em rigores e prepotencias para tornar effectivo o monopolio da extracção, isolando aquella zona de todo o resto do mundo, difficultando as licenças de entrada e os passaportes, multiplicando registos e barreiras, extinguindo os correios, e tentando mesmo circumvallar as demarcações, não lhe bastando o permanente giro das esquadras de pedestres, baldaram-se-lhe em parte os esforços ante os rudes caçadores furtivos da fortuna, inatingiveis ás finttas, ás multas, ás tomadias, aos confiscos, ás denunciaes, ás derramas; e que aliados aos pechilingueiros vivos, aos tropeiros ardilosos passando entre as patrulhas com o contrabando precioso mettido entre os forros das cangalhas, aos comboieiros que enchiam os cabos ôccos das facas com as pedras inconcessas ou aos mascates aventureiros intercuian-do-as nos remotes dos cothurnos grosseiros—estendiam por toda a banda, até ao littoral, a agitação clandestina, heroica e formidavel.

«Desaforados escaladores da

terra!...» invectivavam as rispidas cartas régias, delatando o desapontamento da Côrte remota ao presentir escoarem-se-lhe as riquezas pelos infinitos golpes que lhe davam nos regimentos aquelles adversarios.

E armou contra elles exercitos.

Bateram longamente os caminhos as patas entaloadas dos corpos de dragões.

Adensaram-se em batalhões as patrulhas errantes e dispersas dos pedestres; e avançaram ao acaso pelas matas em busca dos adversarios invisiveis.

Os *garimpeiros* remontavam ás serras; espalhavam-se em atalaias; grupavam-se em guerrilhas diminutas; e por vezes os graves intendentes confessavam aos conselhos de ultra-mar a «victoria de uma emboscada de salteadores».

Finalmente se planearam batalhas.

Rijos capitães-generais, enduredos nas refregas da India, largaram dos povoados ao resoar das preces propiciatorias e sermões, chefiando os terços aguerridos, e arrastando penosamente pelos desfrequentados desvios as colubrinhas longas e os pedreiros brutos.

Mas ronçaram inutilmente pelos ermos.

Emquanto á roda, desafiando-os, alcandorados nos *itambés* a prumo; relampeando no subito fulgir das descargas, das tocaias; derivando em escaramuças pelos talhados dos montes; arrebeitando á bocca das velhas minas em abandono, de repente escancaradas numa explosão de tiros—os «desaforados escaladores da terra», os anonymos conquistadores de uma patria, zombavam triumphalmente daquelles apparatus guerreiros, espectaculosos e inoffensivos.

(Do livro *Contrastes e Confrontos*).

Euclides da Cunha.





## C R O N I C A

Os pequeninos: uma festa encantadora—O  
Grand Guignol: uma invasão em marcha?—A  
apoteose da Saude.

**O** QUE não se faz em dia de Santa Maria...

Ahi temos que a pequenada das escolas officiaes do concelho de Estarreja, não havendo podido assistir, em razão da chuva, á festa que para começo d'este junho lhe preparara no Jardim Passos Manuel o Sindicato dos Professores Primarios, nada perdeu no fim de contas, visto como effectuou a digressão no passado dia 21, por um tempo esplendido.

Estes passeios da população das escolas primarias devem merecer o applauso, e mais que o applauso, todo o possivel appoio das individualidades que se interessam pela educação popular e na boa resolução de tão momental problema têm responsabilidades. E, assim sendo, não pode o cronista deixar de fixar aqui o seu caloroso elogio á Delegação dos Professores Primarios de Portugal em Estarreja, e á Direcção do mesmo Sindicato n'esta cidade, pela sua patriotica e humanitaria iniciativa, addindo-lhe o seu voto sincero de que, uma vez compenetrados dos deveres que a todos nós nos cabem, todos contribuamos para que o exemplo seja seguido. *À bon entendeur... salut.*

Voltando ao passeio. A pequenada de Estarreja teve uma linda espera no apeadeiro do General Torres, em Gaia; realizou um alegriissimo ple-nic na esplanada do Pilar; visitou o Observatorio Nacional, a Escola Normal, a de Bellas Artes, a Biblioteca, os Museus, a Universidade; viu a Fabrica de Sedas Nogueira, o Instituto Electroterapico; e, por fim, inundou de movimento, alegria e côr, o nosso Jardim Passos Manuel.

Grupos escolares esperavam aqui os seus camaradas de Estarreja; centenas de gargantas infantis lançaram no ambiente soalheiro e lavado, as notas emocionantes da *Portuguesa* e da *Maria da Fonte*; o dr. Santos Silva discursou saudando a pequenada; effectuaram-se jogos infantis dedicados ás meninas, entoaram-se coros orfeonicos

consagrados aos rapazitos; o *écran* exhibiu lindas fitas instructivas e graciosas; e, no fim, ao som dos metaes da banda da Guarda Republicana, as creanças espalharam-se no jardim, onde, até ás 6 da tarde, foi um esfuziar de alegria incessante, encantadora.

Fica o cronista certo—e não pretende com isto metter foice em seara alheia—que mais valeu aos pequenitos este brevissimo passeio de meia duzia de horas, de que muitos frascos da emulsão Scott.

E mais—dizem os cartazes que *elles* a pedem a gritos.

Desde poucos dias, o publico portuense travou relações com um genero teatral até agora absolutamente desconhecido dos nossos palcos-scenicos.

Trata-se do genero Grand Guignol, oriundo de um pequeno e brilhante theatriño, mantido n'um recanto de Paris por esse homem de vontade e talento que é Max Maurey, cujo empenho é encenar peças de merecimento autentico, importa pouco se firmadas por nomes obscuros e desconhecidos.

A tentativa fizeram-a, ali no Sá da Bandeira, o empresario Antonio Castro e um grupo de artistas dramaticos composto principalmente de Adelina e Aura Abranches, Alexandre Azevedo, Simões Coelho, Luciano, João Silva, o ensaiador Portulez, etc., etc. E, ao que vemos, ella foi coroada do mais completo exito.

Grand Guignol! Grand Guignol! A invasão que o cronista visiona, n'este lance...

**Jardim Passos Manoel**  
**Primorosas exhibições**  
**cinematograficas**

Mas o *clou* da quinzena foi, por sem duvida, a brilhantissima festa hipica realizada com exito perfeito no Campo do Bessa.

Só quem visitou um dia o vastissimo recinto agora transmudado em arena de jogos sportivos poderá com verdade dizer do encanto que é aquelle pedacito de terra que parece arrancado ao paraíso terreal de que nos fala a Biblia.

Pois o facto é que as festas que ali se realisam atraem sempre a concorrência do que ha de mais fino e elegante na cidade e até nesta parte norte do paiz, e que esta ultima foi, de todas, a mais brilhante e concorrida.

Não irá o cronista occupar-se das provas sportivas que se produziram e que mais uma vez deram a medida do altissimo valor dos nossos cavalleiros, ou demonstraram que o cultivo das armas não é desprezado pela nossa mocidade. Nem é isso de sua

competencia, nem lhe sobra espaço para tão dilatada tarefa — de resto feita já, com todo o luxo de pormenorisação, pelos nossos collegas quotidianos.

Mas não poderia elle deixar de arquivar n'esta columna o exito completo do acontecimento. Podem varios praguentos — e quando lhes acabará a raça? — attribuir grande parte d'esse exito a pruridos de snobismo. E que assim fosse?

A verdade é que ali se passaram, durante uns dias, algumas horas de cordealissimo convivio, ali se respirou um ar bem puro e bem saudavel, ali se viveu a vida do ar livre, sob a ramaria fresca e amiga, em contacto directo com a natureza, pascendo a vista em altivos actos de força, de coragem, de destreza, — n'uma esplendida apoteose da Saude — esse bem supremo!

E ralem-se os pragmentos.

SIMPLICIO.

## TABELLA DE PREÇOS PARA ANNUNCIOS NA CINE-REVISTA

### Annuncios nas capas

	Por numero	Por serie de 24 numeros
1 pagina	5\$000 reis	100\$000 reis
$\frac{1}{2}$ >	2\$600 >	52\$000 >
$\frac{1}{4}$ >	1\$400 >	30\$000 >
$\frac{1}{8}$ >	800 >	16\$000 >
$\frac{1}{16}$ >	500 >	10\$000 >

### Paginas de annuncios, entre as do texto

	Por numero	Por serie de 24 numeros
1 pagina	7\$500 reis	150\$000 reis
$\frac{1}{2}$ >	4\$500 >	80\$000 >
$\frac{1}{4}$ >	2\$500 >	50\$000 >
$\frac{1}{8}$ >	1\$300 >	30\$000 >
$\frac{1}{16}$ >	700 >	16\$000 >

### Annuncios intercalados no texto

#### Por linha

Cada linha de uma columna, 100 reis

Por serie de 24 numeros, 70 reis

**Cada pagina de texto tem 2 columnas de 50 linhas**

Toda a correspondencia sobre annuncios deve ser dirigida á  
EMPRESA ARTISTICA LIMITADA—Rua Passos Manoel—Porto.

TELEPHONE N.º 1034



**LISBOA**

Séde:

**Salão Central**

31-1.ª Praça dos Restauradores

Telephone 3072

Endereço telegraphico  
SALCENTRAL



**PORTO**

Succursal:

Jardim  
Passos Manoel

Telephone 1034

Endereço telegraphico  
PASNOEL

# União Cinematographica Limitada

FORNECEDORA DOS 3 SALÕES SOCIETARIOS

≡ Jardim Passos Manoel ≡

PORTO

Salão Central e Chiado Terrasse

LISBOA

Compra, venda e aluguer de fitas e aparelhos cinematographicos.

Aparelhos novos e usados sempre em deposito.

O maior e melhor stock de pelliculas do pais.

Unicos importadores das notaveis pelliculas de

≡ Vitagraph e Gaumont ≡

Preços sem competencia

# Vieira & Bastos, Successor ENGENHEIRO-MECHANICO

Telephone: 133

Rua do Freixo, 1245—PORTO

Telegrammas: "EXTRA.,

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL DE:

Machinas a vapor  
Caldeiras de todos os typos  
Motores a gaz, gaz-pobre, etc.

H. Bollinckx—Bruxellas—Belgica  
De Nayer—Willebroeck—Belgica  
A. Bollinckx—Huyssinghen—Belgica

INSTALAÇÕES FEITAS COM CALDEIRAS DE NAEYER E MACHINAS BOLLINCKX:

Arthur Guerra	Moagem—Freixo-Espada á Cinta	17 H. P.
J. R. Valente Perfeito	Tanoaria—Villa Nova de Gaya	34 »
A Economica, Lda. (1. <sup>a</sup> mach.)	Marcenaria—Porto	35 »
Valente, Costa & C. <sup>a</sup>	Tanoaria—Villa Nova de Gaya	60 »
A Economica, Lda. (2. <sup>a</sup> mach.)	Marcenaria—Porto	70 »
Fortuna & Oliveira	Tecelagem—Porto	80 »
Villela & C. <sup>a</sup> , Lda.	Tecelagem—Porto	115 »
C. <sup>a</sup> Industrias Reunidas	Rendas e botões—Porto	115 »
Empreza Artistica, Lda. (1. <sup>a</sup> mach.)	Cynematographo—Porto	115 »
Empreza Artistica, Lda. (2. <sup>a</sup> mach.)	Cynematographo—Porto	115 »
Empreza Fabril Peninsular, Lda.	Acabamentos—Porto	130 »
Mattos & Quintans	Fiação e Tecelagem—Porto	330 »
C. <sup>a</sup> Carris de Ferro do Porto (1. <sup>a</sup> mach.)	Tramways electricos—Porto	825 »
» » » » (2. <sup>a</sup> » )	» » » »	1650 »
» » » » (3. <sup>a</sup> » )	» » » »	1650 »
» » » » (4. <sup>a</sup> » )	» » » »	1650 »
» » » » (5. <sup>a</sup> » )	» » » »	1650 »
» » » » (6. <sup>a</sup> » )	» » » »	1650 »

**Total 10:291 cavallos-vapor installados em 6 annos.**

- ⌘ "Helios-light,, é a unica que vantajosamente pôde ser applicada nas projecções cynematographicas.
- ⌘ "Helios-light,, é a luz mais clara e de maior intensidade.
- ⌘ "Helios-light,, substitue com seguros resultados, a electricidade.
- ⌘ "Helios-light,, é de facil funcionamento.
- ⌘ "Helios-light,, depois de aceza não precisa ser regulada, porque se conserva sempre firme.
- ⌘ "Helios-light,, é isenta de qualquer perigo.
- ⌘ "Helios-light,, não tem cheiro.
- ⌘ "Helios-light,, é a luz mais economica.

Unicos agentes em Portugal: **NUNES & C.<sup>A</sup>**

Rua de S. Francisco, 25-1.<sup>o</sup>—PORTO